

ACTAS DEL XIII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

(Valladolid, 15 a 19 de septiembre de 2009)

IN MEMORIAM
ALAN DEYERMOND

I

Editadas por
José Manuel Fradejas Rueda
Déborah Dietrick Smithbauer
Demetrio Martín Sanz
M^a Jesús Díez Garretas



VALLADOLID
2010

© Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2010

© Los autores, 2010

Reservados los todos derechos. Prohibida la reproducción parcial o total por cualquier medio, salvo para citas, sin permiso escrito de los propietarios del copyright

Publicado por el Ayuntamiento de Valladolid y la Universidad de Valladolid

Ni el Ayuntamiento de Valladolid, ni la Universidad de Valladolid (UVa) ni la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (AHLM) ni los editores son responsables de la permanencia, pertinencia o precisión de las URL externas o de terceras personas que se mencionan en esta publicación, ni garantizan que el contenido de tales sitios web es, o será, preciso o pertinente.

Edición realizada dentro del proyecto de investigación VA46A09 financiado por la Junta de Castilla y León.

Ilustración de la cubierta de María Varela

ISBN 978-84-693-8468-8

D.L. VA 951-2010

Impreso en España por
Valladolid Artes Gráficas

AS FACES DO URSO NO IMAGINÁRIO MEDIEVAL IBÉRICO: MITOS, MORALIZAÇÕES E PRÁTICAS VENATÓRIAS*

ISABEL DE BARROS DIAS
Universidade Aberta e CEIL

urso: um desatento pisador de flores. (“nem é por mal; para mim as flores servem é para alcatifar o mundo...”)

Ondjaki, “Bichos convidados (de a a z)”
in *Há prendisajens com o xão*

Quando se fala no imaginário medieval sobre o mundo animal, pensa-se imediatamente na tradição dos Fisiólogos gregos, nos latinos e, na sequência destes, nos múltiplos Bestiários. Com uma tradição de mais de dez séculos de existência, os Fisiólogos e os subsequentes Bestiários marcaram forçosamente o entendimento e o imaginário medievais sobre o mundo natural. Porém, não foram os únicos textos que referiram ou interpretaram os comportamentos dos animais.

Por um lado, os tratados enciclopédicos também dedicaram a estes assuntos trechos por vezes até bastante longos, sendo aqui de salientar as trocas que se verificaram entre estes dois tipos de obra. Em particular o livro XII das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha marcou um extenso ramo de bestiários do Ocidente medieval¹.

* Agradeço aos colegas e amigos que, quer aquando da apresentação deste trabalho, quer em conversas posteriores, se lembraram e me sugeriram passagens com ocorrências do tema aqui estudado e que aproveite para integrar nesta versão escrita.

¹ Trata-se do ramo do Fisiólogo Latino conhecido como “versão B – Isidoriana”, que está na base de vários Bestiários subsequentes. Para saber mais sobre esta versão ver o que é dito sobre o assunto no estudo introdutório de Willene B. Clark (ed.), *A Medieval Book of Beasts. The second-family bestiary: commentary, art, text and translation*, Woodbridge, The Boydell Press, 2006.

Por outro lado, há a destacar a linha literária representada por fabulários que remontam à tradição Greco-latina (com Esopo e Fedro) e que põem em cena animais que se comportam à imagem e semelhança de seres humanos. Também os *exempla*, no período medieval, relatam historietas, muitas das quais com animais, verificando-se alguma vizinhança com a linha dos bestiários na medida em que tanto uns como os outros apresentam cenas e atitudes que, subseqüentemente, podem comentar, moralizando.

Já de outro tipo serão os tratados venatórios onde os animais são olhados de um ponto de vista fundamentalmente pragmático: numa vertente, os que ajudam o homem a caçar e como devem ser tratados e, noutra vertente, os que são caçados e como podem ser caçados.

Estes três grandes tipos de aproximação ao mundo animal têm em comum o seu uso didático, seja este em contexto de doutrinação no quadro da moral cristã, em contexto de aprendizagens de comportamentos sociais a imitar ou a repudiar ou, finalmente, no domínio de aprendizagens técnicas.

É sobre textos destes três tipos que o presente estudo se vai debruçar a fim de investigar o modo como é visto e entendido um animal específico, o urso. Para além dos textos informativos / enciclopédicos, das narrativas de doutrinação moral e dos tratados cinegéticos, serão ainda tidos em conta alguns excertos de obras de índole diversa, particularmente de historiografia, que também referem ursos e que nos permitem vislumbrar traços de um imaginário mais remoto.

1. TEXTOS INFORMATIVOS SOBRE O MUNDO ANIMAL (FISIÓLOGOS, BESTIÁRIOS, ENCICLOPÉDIAS)

A procura de elementos sobre os ursos revela, logo à primeira abordagem, que este animal é relativamente pouco mencionado nos Fisiólogos e Bestiários em geral, surgindo só em alguns dos textos mais desenvolvidos², ao que acresce

² A relativa pouca frequência de entradas sobre “urso” é evidente nas listas de itens compiladas nos Anexos da “Mémoire de latin” de Alexandre Vermeille, *Physiologus. De l’Orient à l’Occident. Un patchwork multiculturel au service de l’Écriture*, apresentada na Université de Neuchâtel, em 2006, disponível em: http://www2.unine.ch/webdav/site/ipsa/.../Vermeille_Alexandre.pdf [data de consulta: 1/09/2009].

a notória escassez de Bestiários na Península Ibérica³, sendo ainda que o “Bestiário Catalão” não apresenta qualquer entrada sobre o urso⁴.

Impõe-se assim uma primeira questão que é a de saber qual a razão deste ‘deserto’? Uma resposta possível poderá ser a sua não necessidade, considerando a existência de textos de teor enciclopédico que incluem informações que também constavam nos Bestiários, tal como o livro XII das *Etimologias* de Santo Isidoro. O mesmo se poderá dizer de outros textos que, não sendo de produção ibérica, tiveram uma influência geral bastante alargada, como o livro VIII da *Historia Naturalis* de Plínio, o Velho, os livros 7º e 8º do *De rerum naturis* de Rábano Mauro ou o *De proprietatibus rerum* de Bartolomeu Anglico entre diversos outros, podendo-se aqui salientar o *Speculum Naturalis* de Vincent de Beauvais ou o *Livre dou Trésor* de Brunetto Latini que foram conhecidos pouco depois da sua produção, nomeadamente no quadro do *scriptorium* de Afonso X.

Isidoro de Sevilha é relativamente parco e cinge-se a informar, sem se alongar em interpretações ou moralizações⁵. Subsequentemente, alguns autores (como por exemplo Brunetto Latini, de cujo *Li Livres dou Tresor* existem exemplares traduzidos para línguas ibéricas⁶) também se limitaram ao registo

³ Em Portugal foram produzidos “Livros das Aves” que, não sendo Bestiários, podem ser considerados como uma produção paralela mas onde também (naturalmente) não constam ursos.

⁴ O bestiário catalão tem a seguinte edição: *Bestiaris* (a cura de Saverio Panunzio), Barcelona, editorial Barcino, 1963 e 1964 (2 vols.). Este bestiário é considerado resultado da influência do bestiário toscano e prova da penetração da cultura italiana e francesa na Catalunha.

⁵ “Vrsus fertur dictus quod ore suo formet fetus, quasi orsus. Nam aiunt eos informes generare partus, et carnem quandam nasci quam mater lambendo in membra componit. Vnde est illud: “Sic format lingua fetum cum protulit ursa.” Sed hoc immaturitas partus facit: denique tricesimo die generat. Vnde evenit ut praecipitata fecunditas informes procreet. Vrsorum caput invalidum; vis maxima in brachiis et lumbis; unde interdum erecti insistunt.” (Isidoro de Sevilla, *Etimologias* (ed. biling. de José Oroz Reta e Manuel-A. Marcos Casquero, introd. de, Manuel C. Díaz y Díaz), Madrid, BAC, 1982, vol. II, pp. 72 e 74. Os temas tocados por Isidoro de Sevilha são, assim, os seguintes: os ursos nascem prematuramente e sem forma; é a mãe que subsequentemente os lambe até lhes dar forma; a força do urso reside essencialmente nos membros, em detrimento da cabeça, que é fraca, sendo que esta distribuição da força permite-lhes erguerem-se na vertical.

⁶ O *Li Livres dou tresor* (Brunetto Latini, *Li Livres dou Tresor*, edition and study by Spurgeon Baldwin and Paul Barrette, Tempe – Arizona, Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2003) foi uma das obras mais conhecidas no período medieval, tendo sobrevivido muitíssimos manuscritos, não só em francês como em tradução para várias outras línguas, entre as quais as ibéricas (Castelhano, Catalão e Aragonês), salientando-se aqui o ms. do Escorial copiado para o rei Afonso X. Nesta obra existe uma entrada dedicada ao urso, que a seguir se transcreve numa das versões ibéricas: “[Cap. 199] Del honso. // [1.] Honso ha muy feble cabeça, mas ha su fuerça en los braços; por esto va el souen todo dreyto en stant. Et sabet que quando el

informativo. Outros, já integraram comentários, como é o caso de Vincent de Beauvais no seu *Speculum naturalis*⁷.

Apesar da escassez de testemunhos, é possível considerar que as informações e as moralizações genéricas dos Bestiários fariam parte da cultura geral da Península Ibérica, à semelhança do que sucedia no resto da Europa da época, independentemente de esse conhecimento ser em primeira ou segunda mão. Nas bibliotecas ibéricas existiam versões manuscritas de obras enciclopédicas que integravam essas informações. Existe ainda o testemunho indirecto do *Horto do Esposo* que, nos anos 80 do séc. XIV, acolheu informações e moralizações que constavam dos Bestiários⁸. Nesta última obra, infelizmente, também não se encontram referências a ursos.

Em todo o caso, e em termos gerais, a informação (observada e imaginada) e as moralizações mais correntes sobre os ursos, que constavam nos bestiários e

onso es malalto o de golpe o de [fol. 76rb] malaltia, el come vna yerba que ha nonbre flomus, e la guarda pora su salut. Mas si el come poma de mandragola a morir le conbiene si no fuesen las formjgas, que el come [...] voluntes sobre todas otras cosas. // [2.] E su natura es tal que en yujerno scalia de luxuria e jazen ensemble, como el omne e la muller, e engendran fillos, que la fenbra no ljeua sino .xxx.^a dias; e por breujedat del tiempo, natura no ha que fer nj poder de cumplir su forma dentro el cuerpo de su madre; ante faze vna poca de carne blanca sin njnguna figura que sea, sino que ha dos oios. E no por quanto la madre lo confirma e adreça con su lengua, segunt la figura e la senblança de sy, e despues lo abraça enta sus peytos por darle calor e spiritu de vida. [3.] E tan demjentra se duerme la madre bien .xiiij. dias, sin beuer e sin comer, asi firmement que omne la poria ferir o batir e matar, ante que ella se spertas. En esta manera esta la madre en reposo bien .iiij.^o meses, por que sus oios son asi tenebrosos, que ella no vede sino muy poco, e se mete quando ella ixe de la cueua contra aquel mal e come mjel. De aquesta bestia dizen los mas que ella engrasa de feriduras e de tochadas.”, Dawn E. Prince (ed.), *The Aragonese Version of Brunetto Latini's Libro del Traxoro*, Madison, The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1995, p. 73a. Além desta edição do texto aragonês, há ainda edições da versão catalã (Curt J. Wittlin (ed.), *Brunetto Latini, Llibre del Tresor, Versió catalana de Guillem de Copons*, Barcelona, Barcino, 1971) e da versão castelhana: Spurgeon Baldwin (study and edition), *The medieval castilian bestiary from Brunetto Latini's Tesoro*, Exeter, University of Exeter Press, 1982.

⁷ É possível consultar a edição seiscentista do *Speculum maius* de Vincent de Beauvais (Douai, 1624) – de que o *Speculum naturale* constitui o primeiro volume – nas bibliotecas digitais de várias universidades, caso da Biblioteca de la Universitat de València [http://trobes.uv.es/search*val/X?\(Beauvais\)&Da=&Db=&SORT=D&searchscope=3](http://trobes.uv.es/search*val/X?(Beauvais)&Da=&Db=&SORT=D&searchscope=3) ou da Biblioteca da Universidad Complutense de Madrid (Colección Digital): http://alfama.sim.ucm.es/dioscorides/consulta_libro.asp?ref=X531445908&idioma=0

⁸ *Horto do Esposo* (ed. de Irene Freire Nunes, coord. de Hélder Godinho), Lisboa, Colibri, 2007. Nesta obra encontramos diversas remissões para Plínio e ainda uma alusão ao que será o Fisiólogo (“E, segundo conta o filósofo que chamam Fisiolago,” – p. 291) e outra para Vicente de Beauvais (“Conta Vicente em na Estoria Tripertida” – p. 329), que seriam referências correntes da época.

afins é a seguinte⁹:

- O urso nasce no Inverno, prematuramente, após uma gestação de uns meros 30 dias, devido à impaciência da ursa, o que é lido negativamente.
- A cria nasce informe. É a mãe que a aquece e lhe dá forma, lambendo-a. Esta característica foi interpretada positivamente, como um segundo nascimento, e relacionada com o baptismo.
- A força do urso está no corpo e não na cabeça, por isso, pode levantar-se na vertical, como os seres humanos.
- O apetite do urso é voraz, sendo o seu alimento preferido o mel. Este traço pode ser interpretado negativamente como um exemplo de gula.
- Quando os ursos estão feridos ou doentes, sabem procurar as ervas que os curam. Caso comam o fruto da mandrágora morrem, a não ser que comam também formigas como antídoto.
- A cópula dos ursos é de face, abraçando-se, como os seres humanos, e tem lugar no Inverno. Esta convicção foi usada para sublinhar normas de comportamento sexual.
- Os ursos hibernam, e quando o fazem, não acordam, mesmo que lhes batam ou que os firam. A hibernação foi interpretada como uma imagem de morte e ressurreição.

Esta lista sintética mostra-nos que os Bestiários em geral apresentam o urso e interpretam as suas características, tal como fazem com os restantes animais: sempre que há uma explicação, esta é de cariz ou positivo ou negativo (não há interpretações dúbias) e o animal tem traços avaliáveis dos dois modos. Por isso, não se poderá dizer que a imagem do urso, nestes textos, seja, nem particularmente positiva, nem especialmente negativa¹⁰.

⁹ Para uma ideia geral do que é dito nos Bestiários sobre o urso ver a página relativa a este animal no sítio “The Medieval Bestiary” - <http://bestiary.ca/index.html> Para o texto transmitido pela família mais extensa de Bestiários (sobretudo manuscritos Franceses e Ingleses) ver Willene B. Clark, *A Medieval Book of Beasts. The Second-Family Bestiary: Commentary, Art, Text and Translation*, Woodbridge, The Boydell Press, 2006, pp. 138-139 (Cap. 20). Note-se que, também aqui, o urso não é objecto de comentários ético-morais. Para um estudo sobre a presença do urso nos textos enciclopédicos medievais, com a indicação de algumas moralizações que foram escritas a respeito das características do urso, ver: Corinne Beck, “Approches du traitement de l’animal chez les encyclopédistes du XIIIe siècle. L’exemple de l’ours”, *L’Enciclopedia Medievale*, a cura di Michelangelo Picone, Ravenna, Longo editore, 1994, pp. 163-178. Neste artigo encontram-se os elementos aqui indicados e outros, estudados em detalhe.

¹⁰ Michel Pastoureau, na monografia que dedicou ao urso (Michel Pastoureau, *L’ours. Histoire d’un roi déchu*, Paris, Seuil, 2007), aponta para a sua diabolização pela Igreja, a partir do ano mil. Neste estudo, são coligidos inúmeros dados (relativos sobretudo aos contextos da Europa do Norte e Central - entendendo-se esta última como a zona Franco – Germânico - Céltica) sobre o decréscimo da importância dada ao urso, desde os tempos mais arcaicos até à actualidade. Segundo este autor, o urso, tendo sido considerado “rei dos animais”, animal totémico, atributo de reis e de chefes guerreiros, objecto de temor, de imitação e de veneração, terá posteriormente sido combatido pela Igreja, não só pela promoção da sua erradicação, em caçadas, como ao nível do imaginário: quer diminuindo-o e ridicularizando-o em hagiografias onde ursos são submetidos ao poder de alguns santos ou em espectáculos de feiras, quer fazendo-o substituir pelo leão, rei dos

2. TEXTOS DE DOCTRINAÇÃO MORAL E DE SOCIALIZAÇÃO (FÁBULAS E *EXEMPLA*)

A escassez das referências a ursos em Bestiários tem o seu paralelo no fabulário. No “Fabulário Português”¹¹, à imagem do que sucede no *Horto do Esposo*, não existem contos que integrem ursos. O mesmo já não acontece em *La Vida y Fábulas del Ysopo*¹², onde um conto da secção “Fábulas de Aviano” (o nº VIII – “de los dos compañeros”), apresenta um urso como a ameaça que vem provar a falsidade das promessas recíprocas de entreatura que dois companheiros de caminho tinham feito¹³.

No fabulário conhecido como *Libro de Los Gatos*¹⁴, encontramos

animais de acordo com uma tradição oriental, Greco-latina e bíblica, quer ainda decalcando festas do calendário cristão sobre as datas das festas que se lhe referiam. Esta mesma linha de análise encontra-se resumida nos seus traços principais em obras anteriores do mesmo autor, como: Michel Pastoureau, *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*, Paris, Seuil, 2004 (sobretudo pp. 60-64) e Gaston Duchet Suchaux e Michel Pastoureau, *Le Bestiaire médiéval. Dictionnaire historique et bibliographique*, Paris, Le Léopard d’or, 2002, pp. 100-104. Ainda sobre a diabolização do urso, em geral, ver o que é dito sobre este animal nos artigos reunidos em *L’animal exemplaire au Moyen Âge – Ve-XVe siècles* (sous la direction de Jacques Berlioz et Marie Anne Polo de Beaulieu), Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1999. Nesta obra (que se debruça também sobre a tradição da Europa Ocidental / Central) o urso é referido pontualmente mas geralmente ressaltando as suas interpretações negativas, como símbolo de luxúria, de inveja, de preguiça, de ferocidade, de gula... Os artigos reunidos em *Simbolismo animale e letteratura* (a cura di Dora Faraci), Roma, Vecchiarelli editore, 2003 debruçam-se sobre diversos aspectos do imaginário relacionado com o mundo animal. Também nestes artigos, de vários autores, o urso é referido só a título pontual, nomeadamente quando se alude a tradições guerreiras relacionadas com ursos (p. 38); a hagiografias onde os Santos domesticam ursos (p. 120) e a nomes que remetem para vocábulos relacionados com ursos (p. 210).

¹¹ O “Fabulário Português” foi editado por José Leite de Vasconcellos na *Revista Lusitana*, vol. VIII, 1903-1905, pp. 99-151 –ver também os anexos e o estudo, na mesma revista, vol. IX, 1906, pp.5-109. Este Fabulário encontra-se em Viena, num manuscrito do séc. XV; porém, o texto que reporta, segundo o seu editor, remonta ao séc. XIV.

¹² Este texto foi consultado na edição de Diego Romero Lucas (2001) que segue a edição de 1520, impressa por Juan Joffré, em Valência, e que se encontra disponível em: <http://parnaseo.uv.es/Lemir/Textos/Ysopo/index.htm> [data de consulta: 5/09/2009].

¹³ Neste conto dois companheiros de caminho fazem entre si promessas de concórdia e de unidade. Porém, quando surge um urso, um foge para cima de uma árvore, o outro, não podendo escapar, cai em terra como morto. O urso, tomando-o como morto, cheira-o e abandona-o. Quando o urso parte, o que estava em cima da árvore desce e pergunta ao segundo o que é que o urso lhe segredara ao ouvido, ao que o segundo afirma: “que me guarde de má companhia”, e segue o seu caminho sozinho.

¹⁴ *Libro de los Gatos*, ed. de Bernard Dabord, Paris, Publications du Séminaire d’Études Médiévales Hispaniques de l’Université de Paris XIII, 1984. O conto xxiii está nas pp. 86-91 e o

referências a ursos em duas narrativas, sendo que em ambas estes integram a construção de um ambiente ameaçador e estão em contos que se aproximam mais do tipo tradicional / maravilhoso. No texto XXVIII (“Enxiemplo de los dos companeros”) a referência ao urso é mínima e remete para a construção de um clima de medo: “E estonçe Buena Verdad oyo bozes de osos, e de lobos, e de otras bestias que andavan por el monte.” (p. 98). No conto XXIII, o urso é um dos animais que se encontram em três camas que o herói vê, sendo-lhe dito que, dormindo lá, o urso o haverá de matar. O texto interpreta as três ocorrências como três situações de possível busca de prazer, de poder e de riquezas mundanas, sendo o urso que se encontra à cabeceira entendido como uma imagem da própria morte, que não perdoa a ninguém.

Particularmente nestes dois últimos casos, o urso constitui um mero elemento decorativo, que serve para criar um ambiente ameaçador. Poderia ser substituído por outro animal ou nem constar, tal como se verifica em outras versões das mesmas histórias que estão “livres de ursos”¹⁵.

A II parte de *Fèlix o Llibre de Meravelles*, de Ramon Llull, é uma pequena novela moralizadora da política e da sociedade da época intitulada *Llibre de les Bèsties*¹⁶, composta nos anos 80 do séc. XIII e que denota a influência de recolhas orientais de contos e também do *Roman de Renart*. O urso surge aqui, novamente, como um animal com qualidades e defeitos. No início, tem esperança de ser eleito rei dos animais. Porém, quando o leão é escolhido, aceita-o por temor. Torna-se num dos conselheiros deste rei, mas a sua prestação é apagada. Quem sobressai é a raposa e as suas artimanhas para obter poder junto deste rei (ou de outro qualquer). Na continuação da obra, o urso surge como um animal temeroso (ele e todo o conselho tremem com um urro lancinante do boi); mas também como um animal reconhecido (num *exemplum*, contado pelo boi, sobre um santo que salva alguns animais, entre os quais um urso, sendo que este o recompensa, matando-lhe a fome com mel - p. 67) e, finalmente, como um animal de grande força física, apto para o combate – quando o rei dos homens pede ao rei leão um lobo e um urso para medirem

xxviii está nas pp. 97-101. Esta colectânea de histórias, na sua maioria fábulas, é uma tradução para o espanhol (de c. 1350-1400) da obra do monge inglês Odo de Cherinton / Ciringtonia (morto em 1247).

¹⁵ No que se refere ao primeiro conto, encontramos uma versão parcial no “IV Libro” de *La vida y fábulas del Ysopo* (“La. VIII. del hombre verdadero y del engañoso, y del ximio”) que termina antes de chegar ao momento em que, no *Libro de los Gatos*, aparece o urso, e a moralidade é completamente diferente... Também a segunda história existe em versão diferente, “sem ursos”, no *Horto do Esposo*, op. cit., pp. 126-127.

¹⁶ Ramon Llull, *Llibre de les Bèsties*, com estudos introdutórios de Jordi Rubió e Armand Llinarès, Barcelona, Edicions 62, 1995.

forças em combate com um alão e com um javali e, a conselho da raposa, o rei leão manda o lobo e o urso do seu conselho, considerando que serão os melhores das respectivas espécies. Estes, porque são honrados e fiéis, não se opõem e vão, não se voltando a falar deles¹⁷.

No *Conde Lucanor*, de Don Juan Manuel, o conto XXII¹⁸ está na mesma linha do texto Lulliano. O conto é sobre o leão e o touro, dados, respectivamente, como reis dos animais que comem carne e dos que comem erva. O urso é apresentado como o animal mais forte e poderoso dos que comem carne, a seguir ao leão. Porém, é usado pela raposa, conselheira do leão, para veicular uma intriga contra o touro e que visava promover a desconfiança entre os dois soberanos, contrariando assim a cooperação mútua, e, em consequência, enfraquecer o poder de ambos sobre os seus súbditos. Neste conto, o urso aparece como uma criatura poderosa, é certo, mas pouco perspicaz uma vez que se deixa manipular pela raposa. Podemos ver aqui um eco do que Isidoro de Sevilha sentenciava, na sequência de Plínio, “Vrsorum caput invalidum;” (o que pode ser entendido não só em termos de força física e muscular...).

É certo que estas fábulas são, na sua essência, sobre a sociedade humana. Os animais constituem mera capa sob a qual se veiculam ideias e ensinamentos. Porém, é significativo ver que animais são escolhidos para serem a ‘pele’ de que tipos de pessoas. No que se refere à presença do urso, verificamos que, neste *corpus*, a imagem do animal em estudo se enquadra no paradigma geral da produção do ocidente europeu de que estes contos são parcialmente devedores. Nestes termos, estaremos aqui perante uma linha onde o urso é, sobretudo, ridicularizado como uma criatura de fraco entendimento¹⁹.

¹⁷ Encontramos este mesmo tema da medição de forças entre animais num pequeno excerto da *General Estoria* afonsina (Afonso X, *General Estoria, Primera Parte* (ed. de António G. Solalinde), Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1930). No cap. xviii do livro XX da I Parte alude-se a um cão portentoso que teria sido capaz de matar um urso em combate (p. 561b). Este apontamento remete para a história de Alexandre o Magno, onde surgem bastantes animais, mas que não foi considerada no presente estudo, dado o seu fundo eminentemente romanesco.

¹⁸ Juan Manuel, “El conde Lucanor” (ed. de José Manuel Cacho Blecua), *Obras Completas*, II, Madrid, Gredos, 1983, pp. 9-503. Este conto especificamente está nas pp. 167-169.

¹⁹ Para a referência de diversos casos em que o urso é colocado a ridículo, ver Michel Pastoureau, *L'ours...*, *op. cit.*, sobretudo pp. 123 sgts (textos hagiográficos) e 211 sgts (contos ludicos). Sobre o tema do poder dos santos sobre as feras e, mais concretamente, sobre os ursos (em hagiografias), bem como sobre a animalidade como símbolo do mais negativo, ver o artigo de Pierre Boglioni, “Les animaux dans l’hagiographie monastique” in *L’animal exemplaire au Moyen Âge – Ve-XVe siècles*, sous la direction de Jacques Berlioz et Marie Anne Polo de Beaulieu, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1999, pp. 51-80 (sobretudo pp. 67-68 e 69-72).

3. TRATADOS TÉCNICO-DIDÁCTICOS (TRATADOS CINEGÉTICOS)

No que se refere aos tratados técnico-didáticos, especialmente aos tratados cinegéticos²⁰, o *Libro de los animales que cazan*, que é uma tradução castelhana do denominado *Libro de Moamín*²¹, mandada fazer por Afonso X, cerca de 1250, refere-se essencialmente às aves de presa e, em menor grau, aos cães. Porém, os ursos são referidos de modo periférico, seja porque a sua carne é demasiado pesada para as aves (livro I, cap. VII), seja porque o sebo do urso ajuda a fazer nascer determinadas penas (Livro I, cap. XII), seja ainda porque o seu fel ajuda nas dores de cabeça das aves (Livro II, cap. XII), dados ‘medicinais’ que terão origem na tradição árabe de que a obra é devedora²².

Don Juan Manuel, por seu turno, no *Libro de la caza*²³, promete, no Prólogo, continuar os capítulos sobre a caça com falcões com uma parte sobre a arte venatória de montaria. No entanto, ou o projecto não foi levado a cabo, ou esta parte ter-se-á perdido.

A fraca presença e a ausência de ursos nos dois livros anteriores são compensadas no *Libro de montería*²⁴ de Afonso XI de Leão e Castela, que parece ser a obra que mais longamente se detém sobre a caça ao urso. Refere a caça ao javali e vagamente a do cervo, mas é a do urso que ocupa a maior parte do Livro I desta obra onde são equacionados os momentos do ano mais

²⁰ À semelhança do que fizemos com os “Livros das Aves”, aqui também se excluem, à partida, os “Tratados de Cetraria” por se dedicarem exclusivamente à caça com aves. A título informativo, para o estudo deste domínio, ver os textos e as informações disponibilizados no site “Archivo Iberoamericano de Cetrería” disponibilizado pela Universidad de Valladolid em <http://www3.uva.es/aic/index.html> [data de consulta: 09/09/2009].

²¹ Muhammad ibn’Abd Allah ibn’Umar, *Libro de los animales que cazan (Kitab al-yawariih)* – edição de José Manuel Fradejas Rueda - disponível em: <http://www.aic.uva.es/clasicos/moamin/moamin-intro.html> [data de consulta: 09/09/2009].

²² O mesmo tipo de informações pode ser encontrado no excerto dedicado ao urso, noutra obra de tradição árabe: *Al-Mansur’s book On Hunting* (with an Introduction, translation and notes by Sir Terence Clark and Muawíya Derhalli), Warminster, Aris & Phillips, 2001, pp. 81-82.

²³ O *Libro de la Caza* é disponibilizado pela Universidad de Valladolid, numa edição de José Manuel Fradejas Rueda em: <http://www.aic.uva.es/clasicos/juanmanuel/juanmanuel-edicion.html#1> Para a Introdução, ver: <http://www.aic.uva.es/clasicos/juanmanuel/juanmanuel-intro.html>. Para ver o Facsimil do ms. 6376 da BN de Espanha: <http://www.aic.uva.es/clasicos/juanmanuel/jmfacs01.html> [data de consulta: 10/09/2009]

²⁴ *Libro de la montería que mando escribir el muy alto y muy poderoso Rey Don Alonso de Castilla y de Leon, vltimo de este nombre / acrecentado por Gonçalo Argote de Molina*, impresso en Sevilla, por Andrea Pescioni, 1582 – disponibilizado pela Universidad de Sevilla (Fondos digitalizados – Fondo Antiguo) em: <http://fondosdigitales.us.es/fondos/libros/313/13> [data de consulta: 10/09/2009]

favoráveis e as melhores técnicas consoante os tipos de caça e as condições da caçada²⁵. A caça ao urso é a mais referida, certamente em virtude de ser considerada a mais grave porque o animal abriga-se em terrenos mais inóspitos, tem um rasto mais difícil de seguir e é mais ameaçador. Trata-se, por isso, de uma caça mais trabalhosa, exigindo cães e monteiros melhores, mais experientes e em maior número (I parte, cap. XIX).

A perigosidade do urso torna-se evidente quando, no livro II, que se refere aos cuidados a ter com a criação, o ensino e o tratamento dos cães, dois capítulos são dedicados às mezinhas com que se podem tratar os cães que foram mordidos (II, cap. XVIII) ou apertados (II, cap. XIX) por ursos. Finalmente, na III Parte, dedicada aos lugares onde se pode encontrar caça, não só ficamos com uma ideia de que o urso, na altura, ainda existia profusamente em Castela e Leão, como ainda encontramos alguns relatos de caçadas específicas que tiveram lugar nos lugares referidos. Estes pequenos apontamentos pessoais são bastantes curiosos, pois referem experiências directas de casos memoráveis, seja pelo tamanho do urso ou pela sua quantidade (ex: fl. 42v ou 47v), seja pela dificuldade da caçada (caso de uma que durou 5 dias e 4 noites de perseguição – fl. 44v-45), seja ainda por algum insólito (caso de um cão que desapareceu atrás de um urso e que é encontrado com o urso, 15 dias depois, ambos mortos – fl. 58).

Apesar de esta obra se centrar na caça ao urso, é interessante notar que as gravuras que ilustram a edição consultada, de 1582, apresentam, não só cenas da caça ao urso, como também de caça ao javali, numa proporção que não corresponde ao domínio do urso como tema do texto. Este detalhe pode realmente ser um indício de uma alteração de valores, mas aqui, do séc. XIV para o séc. XVI. Do mesmo modo, os comentários finais de Gonçalo Argote de Molina remetem para o urso, mas em igualdade com inúmeros outros tipos de caça (javalis, cabras monteses, gamos, veados, lobos, touros, lebres...) chegando até aos leões do Norte de África, aos elefantes e avestruzes das Índias Orientais e África e à caça existente nas Índias Ocidentais.

Muito menos exótico é o *Livro de Montaria*²⁶, de D. João I de Portugal. Contrariamente ao livro de Afonso XI, esta obra centra-se na caça ao javali, o

²⁵ Como exemplo, podemos referir os modos de assinalar e de chamar o grupo quando se encontra caça, andar sempre contra o vento para o animal não farejar o caçador, quantos cães levar para que tipo de caçada, os sítios mais prováveis para encontrar ursos, os meses em que os animais estão mais gordos ou quando estão mais perigosos, como actuar quando se encontra uma urso com crias...

²⁶ D. João I de Portugal, *Livro de Montaria* (ed. de Manuela Mendonça), Ericeira, Mar de Letras, 2003.

que permite questionarmo-nos se haverá aqui alguma vontade de fazer um contraponto com a obra anterior? Ou talvez se desse o caso do javali ser mais comum ou mais apreciado na montaria em Portugal... No entanto, o livro também alude a outros animais como o veado, o cervo e o urso. É ainda possível assinalar várias expressões que colocam o javali e o urso em paralelo, quase que dando a entender que o que se diz sobre o javali também pode ser válido para o urso²⁷. A apresentação conjunta da chamada “caça grossa” encontra-se também, em termos semelhantes, no *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a sela*²⁸ de D. Duarte, filho de D. João I. Apesar deste livro se centrar na arte de cavalgar, dedica alguns capítulos às técnicas de bem cavalgar na montaria e de como se pode ferir à lança ursos, touros, porcos e cervos.

Esta ideia de conjunto é ainda reforçada quando vemos que o urso é especificamente referido, no *Livro da Montaria*, quando há diferenças notórias relativamente ao javali, como é o caso do rasto deixado por um e pelo outro animal (p. 57). Finalmente é de salientar que um dos trechos mais conhecidos desta obra, e onde se exaltam os prazeres da caça, remete concretamente para a caça ao urso:

Ainda aí há muitas outras coisas em que se pode o entender em as ver não menos deleitar, que nisto que dito havemos; ca ver o homem como vão os moços pôr os cães quando muitos são, não duvideis que não é muito formosa vista, já em ver quando o urso sai por alguma travessa do monte e os sabujos vêm todos juntos com ele e de quando em quando o vão filhando; por certo muito enfermo seria o entender que com tal vista não perdesse algum cansaço, se o em si tivesse pelas coisas sobreditas, que pelo verem este jogo lhe são demonstradas, como dito havemos. Já quando o urso sai por alguma armada, então é tão formosa coisa de ver, que aqueles homens que o vêem não podem ser tão pouco monteiros que não sejam em tal folgança, que todas as coisas que houvessem de fazer, que lhe não esquecessem, ca, em dizer verdade, esta vista é tão saborosa em ver, que comparada é com a vista da glória de Deus. (p. 17)

4. OUTROS TEXTOS (ALGUMA HISTORIOGRAFIA)

Os textos já percorridos seriam obras de conhecimento geral e que, nos seus distintos campos, terão feito parte da cultura literária da época. No entanto, esta não se cingia às obras já referidas. O fundo bíblico, onde relativamente

²⁷ Ex: “Outrossim, se a braçaria de lançar lança faz algum bem ao uso das armas, se o saberão fazer os que andam ao monte cada uma das coisas, porque os monteiros hão-de matar o porco, ou urso, assim é de remessa;” (p. 21) e “e portanto, todos os reis deviam de defender que nenhuns não matassem porcos, nem ursos, e aldemenos besteiros, vaqueiros, nem gente astrosa e aldemenos se não fosse em sua terra toda, que fosse em parte dela.” (p. 23).

²⁸ Dom Duarte, *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de bem Cavalgar toda a Sella*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1843. Os trechos onde se refere a caça grossa estão nas pp. 88, 91 e 92 (“husso, touro, ou porco”) e 97 (“hussos, porcos, ceruos”).

pouco é dito acerca de ursos²⁹, constitui um dos domínios preponderantes da cultura medieval e, especialmente no seio das elites letradas, marcavam ainda terreno diversos textos que remontavam à Antiguidade clássica, nomeadamente, as *Metamorfoses* de Ovídio onde são reportados alguns casos de metamorfose em urso³⁰.

Textos bíblicos e algumas obras do fundo clássico, entre diversas outras fontes³¹, foram traduzidas para vernáculo castelhano tendo convergido, especialmente, na *General Estoria* de Afonso X onde podemos encontrar, por exemplo, a lenda da metamorfose de Calisto e do seu filho Arcas, aquando da explicação dos nomes das constelações Ursa Maior e Ursa Menor³².

Mas a *General Estoria* não é o único texto historiográfico que refere ursos. É possível detectar outros apontamentos em diversas obras, em particular passagens significativas a nível simbólico e que poderão ser lidas no quadro de um imaginário mais recôndito.

Um primeiro tipo consiste em situações em que os ursos são associados a narrativas fundacionais³³.

Na *Estoria de Espanna*³⁴ afonsina, encontra-se o relato da fundação de Ossuna (nos Pirinéus) por Pirus, genro de Espan, em virtude da densidade de ursos no local:

²⁹ Para um levantamento das ocorrências de histórias com ursos na Bíblia, ver Michel Pastoureau, *L'ours...*, *op. cit.* – pp. 154 sgts.

³⁰ Para um levantamento de ocorrências de metamorfoses em urso ver Michel Pastoureau, *L'ours...*, *op. cit.*, pp. 43-52 (com referências a Ifigénia e a Calisto e Arcas). Nestas páginas são ainda tecidas algumas observações sobre os atributos ursinos de Artemisa e de outras deusas da Natureza e da caça (como as deusas celtas Arduina, Andarta e Artio), sobre lendas de criação de seres excepcionais por ursos ou que com estes se relacionaram (Atalanta e Páris; Polifonte e Céfalos).

³¹ Saliente-se aqui alguns capítulos do livro XX da I Parte da *General Estoria op. cit.* Neste livro, que remete primordialmente para a Bíblia (especificamente para o Levítico), ao falar-se das leis impostas por Deus sobre os casamentos e inerentes interditos, faz-se extensa referência a animais, especialmente àqueles híbridos que resultam da mistura entre criaturas de espécie diferente, o que é entendido como um desvio relativamente à Criação divina original (cf. pp. 554-572). Nestas passagens remete-se sobretudo para Plínio, mas também para o “Fisiólogo” (p. 570b), sendo veiculadas bastantes informações que Bestiários, Fisiólogos e Enciclopédias partilham.

³² Afonso X, *General Estoria, Primera Parte, op. cit.* – Livro XXI (Números) – pp. 599-603.

³³ São vários os exemplos possíveis: o nome “Arcádia” derivará de “Arkos” (= urso em grego), cidades como Berna e Berlim têm nas suas armas ursos, provavelmente em consequência de jogos sonoros entre os seus nomes e a designação de urso (no que se refere às lendas de fundação destas duas cidades, ver Pastoureau, *L'ours...*, *op. cit.*, pp. 298-301)...

Y ell era muy caçador, e fallo en una montanna muchos ossos e mato y muchos dellos e fizo grand caça, e puso nombre a aquel logar el campo Ursino; e desi poblo y una cibdat al pie de la sierra, e pusol nombre Ursina, por la caça de los ossos; y esta es a la que agora llaman Ossuna (PCG, I, p.12)

Outra narrativa de cariz fundacional, mas agora relacionada com a construção de uma ermida, é a que relata o encontro de D. Dinis com um urso, perto de Belmonte, nas ribeiras do Guadiana. Esta história consta, tanto em textos hagiográficos, como historiográficos³⁵, e conta como o rei foi atacado por um urso feroz que o derruba. Aflito, D. Dinis implora a ajuda de S. Luís, bispo de Toulouse, que lhe aparece e o anima a usar o punhal, com o qual o rei consegue matar o urso. Em memória deste milagre, não só foi erigida a ermida, como ainda foi dedicada uma capela do mosteiro de S. Francisco de Beja e ainda foi esculpido um urso debaixo do qual um homem lhe crava um punhal no peito, e que integra o túmulo de D. Dinis, em Odivelas³⁶.

Um segundo grupo é constituído por relatos de situações em que os ursos assumem o valor de prova iniciática³⁷.

³⁴ *Primera Crónica General de España* (ed. de Ramón Menéndez Pidal e reed. de Diego Catalán), Madrid, Gredos, 1977 (daqui em diante **PCG**).

³⁵ Esta narrativa surge na *História de vida, morte, milagres, canonização e transladação de Santa Isabel, sexta rainha de Portugal*, de D. Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto (transcrita nos Apêndices da edição do *Livro da Montaria feito por D. João I, rei de Portugal*, por Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra, Imprensa da Universidade / Academia das Ciências de Lisboa, 1918, pp. 449-452). Também consta na obra seiscentista de Frei Francisco Brandão, *Monarquia Lusitana*, Lisboa, INCM, 2008 (reimpressão da edição fac-similada de 1976) – Parte V, livro XVII, cap. xxi (fl. 218v-219). Nesta última, alude-se não só ao milagre ocorrido com D. Dinis, à capela que o rei reconhecido mandou fazer e à escultura que se encontra no seu túmulo, mas ainda se refere, certamente com uma intenção de contraponto, duas situações de encontros fatais com ursos: o rei Favila e o infante D. Sancho, irmão do rei D. Afonso, último rei de Leão, que foram mortos por ursos.

³⁶ Note-se ainda o facto de existirem diversos monumentos funerários onde foram representadas cenas de caça. O túmulo de D. Pedro Afonso, Conde de Barcelos, filho bastardo de D. Dinis (que se encontra no Mosteiro de São João de Tarouca, em Viseu – Beira Alta), bem como o de sua mulher, D. Branca (actualmente no museu de Lamego, mas originalmente em Tarouca) integram cenas de caça ao javali, o que remete para o tipo de vida e para o estatuto da alta nobreza. De salientar, no quadro do presente estudo, é o túmulo de Fernán Pérez de Andrade (na Igreja de San Francisco de Betanzos - Coruña) que está assente num urso e num javali, apresentando ainda algumas cenas de caça em baixo relevo. Esta iconografia remete não só para imagens da vida de um grande senhor, mas também constitui indicação de poder, bastante na linha do que ainda encontramos num romance histórico, muito posterior, dedicado a “Andrade el bueno”, disponível em: <http://anuariobrigantino.betanzos.net/Ab1949PDF/1949-28.pdf> [data de consulta: 16 de Outubro de 2009].

³⁷ Sobre a tradição segundo a qual matar um urso em corpo-a-corpo era um ritual iniciático de entrada na idade adulta, ver Michel Pastoureau, *L'ours...*, *op. cit.*, pp. 54-68 e 80-85.

A situação enfrentada por D. Dinis também pode integrar-se neste campo, uma vez que se trata de um caso de medição de forças com um animal terrífico, com a salvaguarda de, neste caso, ter havido uma ‘ajudinha santa’.

Na *Crónica de El-Rei D. Fernando*, de Fernão Lopes³⁸ encontramos o relato de uma situação de perigo onde o infante D. João, em caçada com seu pai, o rei D. Fernando, enfrenta e vence valorosamente um urso.

Porém, nem todos os casos de medição de forças com um urso terão tido um desfecho tão favorável. Como exemplo de situação menos feliz, saliente-se o caso do rei Favila, filho de Pelaio, primeiro rei da Reconquista cristã:

este rey Ffabila fue omne liuiano de seso, et amaua mucho la caça mas que non deuie; et el corriendo un dia mont, ffallosse con un osso et deffendio a todos los suyos que ge le dexassen; e ell atreuiendosse en su fuerça, fue lidiar con ell un por otro, et fue assi por su mala uentura quel mato el osso. (PCG, II, p. 330 – cap. 579)

Perante a narrativa, não se pode deixar de ver a presença do urso, neste excerto, como um elemento regulador do que se poderia chamar uma “boa realeza”, uma vez que a morte deste soberano decorre dos excessos do seu próprio carácter.

Termina-se este périplo com dois excertos de leitura mais obscura. O primeiro fragmento encontra-se em dois “Livros de Linhagens”, transcrevendo-se aqui a passagem mais antiga:

Este dom Fernão Mendes, o Bravo, foi o que meteo sa madre na pele da ussa, e pose-lhe os cães, porque lhe baralhara com a barregãa. E este foi o que cortou o dedo, porque errou o usso, com a az[c]ua. E este foi o que levou por prema d’el rei dom Afonso, o primeiro rei de Portugal, a irmãa que tinha casada com dom Sancho Nunes de Barvosa e a terra de dom Gonçalo de Sousa, o Boo, porque se rirom del ante el rei, por ùa pouca de nata que lhi caera pela barba sendo i comendo. E este foi o que exerdou a sa madre pela infançãa que assi houve.³⁹

Apesar da sua rudeza e violência, esta descrição não deixa de fazer pensar na transgressão de Acteonte que, numa caçada, vislumbra a nudez de Artemisa, sendo por ela transformado em cervo e morto pelos seus próprios cães. Também

³⁸ Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando* (ed. crítica, introd. e índices de Giuliano Macchi - 2ª ed. revista por Giuliano Macchi e Teresa Amado), Lisboa, IN-CM, 2004, cap. XCIX, pp. 351-352.

³⁹ “Livro de Linhagens do Deão”, *Livros Velhos de Linhagens – Portugaliae Monumenta Historica - Nova Série* (ed. de Joseph Piel e José Mattoso), Lisboa, Academia das Ciências, 1980, pp. 61-214 – a passagem transcrita encontra-se no título 12A4 do cap. [XII] (“Aqui começa o linhagem dos bargançãos”) – p. 161-162. Este apontamento é transcrito, nos mesmos termos, no Livro de Linhagens do Conde D. Pedro: Pedro Afonso, conde de Barcelos, “Livro de Linhagens do Conde D. Pedro”, *Portugaliae Monumenta Historica – Nova Série* (ed. de José Mattoso), Lisboa, Academia das Ciências, 1980, vol. I, título 38A4 (p. 440).

aqui estaremos perante uma situação de infracção / profanação de intimidade que é severamente punida com recurso a um imaginário animal⁴⁰. As implicações eróticas e sexuais deste trecho podem ainda remeter para as conotações lascivas da figura do urso e que, nos restantes textos vistos, ainda não tinha surgido de modo tão notório⁴¹.

Um último caso, agora da história peninsular mais antiga e mítica, relatada na *Estoria de Espanna* afonsina, onde um urso desempenha um papel psicopompo, conduzindo o rei Tharcus à caverna que Rotas partilha com um dragão:

Despues acaecio que un omne onrrado daquela tierra que auie nombre Tharcus e moraua en las sierras dAuila, corrie alli mont, e fallo un osso, e uino enpos el fasta que lleo a aquella cueua, y ell osso metiosse dentro; e Rocas, en quel uio uenir, ouo miedo, pero començol de falagar y rogol que nol fiziesse mal, bien cuemo fiziera al dragon; y ell osso omillosse luego, y echos le en el regaço; el començol a rascar en la cabeça. En tanto lleo aquel cauallero que corrie enpos ell osso, y entro en la cueua; e quando los uio amos assi estar, fue muy maruillado, e muy mas aun de Rocas que non dell osso, por quel uio con muy luenga barua, e todo cubierto de cabellos fasta en tierra, e touo que era omne brauo, e puso la saeta en ell arco, e quisol tirar. El rogol por Dios que nol matasse; estonce Tharcus, quandol oyo fablar, preguntol quien era o com andaua. (PCG, I, p.13 – cap. 12)

Neste trecho é ainda de assinalar o aspecto animal do rei Rotas, que nos surge como um homem selvagem, com traços de rei ou de deidade protectora dos animais. Com efeito, depois de se ter revelado como humano, pela fala, Rotas só conta a sua história a Tarcos depois de este prometer dar trégua à caça que se viera colocar sob a sua protecção.

5. O IMAGINÁRIO IBÉRICO NO QUADRO DO OCIDENTE EUROPEU

O percurso encerra-se com um homem como rei dos animais... O que se aproxima, em sentido inverso, dos Bestiários que sublinhavam os comportamentos do urso que o assemelhavam ao homem: copular de face e pôr-se de pé quando os restantes animais têm a cara voltada para o chão.

Do que foi consultado, destaca-se o facto do urso ser relativamente pouco referido. Esta característica poderia ser equacionada com uma eventual escassez de ursos, já naquele período. Porém, a quantidade de lugares que Alfonso XI

⁴⁰ Neste contexto, veja-se o que diz Michel Pastoureau, *L'ours...*, *op. cit.*, p. 43 sgts, sobre os traços ursinos de Artemisa, enquanto deusa da natureza e dos animais.

⁴¹ Sobre a imagem do urso como sedutor, raptor e violador, ver Michel Pastoureau, *L'ours...*, *op. cit.* A título de curiosidade, ver ainda o artigo de Mary-Anne Vetterling, “La crítica y los animales en el *Libro de Buen Amor*”, en *Actas del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas (New York, 16-21 de Julio de 2001)* (eds. I. Lerner - R. Nival - A. Alonso), Newark, Delaware, Juan de la Cuesta, I, 2004, pp. 133-144 – onde se refere o desenho de um urso na margem de um manuscrito, marcando uma passagem onde se relata um caso de sedução.

aponta como bons para a caça ao urso contraria esta hipótese. Torna-se assim mais credível uma justificação ideológica, como consequência de alterações de valores ocorridas anteriormente, tal como defende Michel Pastoureau. Esta linha explicativa é ainda reforçada pelos relatos que mais e melhor se enquadram nos arquétipos do restante Ocidente medieval. O presente trabalho não se debruçou sobre eventuais ocorrências em textos hagiográficos, mas boa parte das fábulas aduzidas podem ser vistas como exemplos desta linha de imaginário.

Salvague-se, porém, que a relativa pouca presença do urso que se assinala não deverá ser menosprezada, sobretudo se tivermos em conta o contexto mais geral do Ocidente europeu e, em particular, o domínio dos tratados cinegéticos. Com efeito, há que sublinhar o facto de na Península ter sido elaborada uma obra quase exclusivamente dedicada à caça deste animal, o que contrasta com a menor atenção dada à caça ao urso em tratados cinegéticos não ibéricos⁴².

No que se refere às diferentes faces do urso que os distintos tipos de literatura vistos neste estudo nos fornecem, o tema da força física é o que perpassa, de forma mais nítida, todas as formas textuais consideradas, sendo que, nuns casos tal é valorizada enquanto bitola de medição de forças e, noutros casos, é desvalorizada no quadro do *topos* da ‘brutalidade sem inteligência’.

De resto, em cada linha temática, há vectores que sobressaem em detrimento dos restantes. Por exemplo, a versão estupidificante e temerosa do urso predomina nos contos de moralização social mais do que em qualquer outra forma textual. É aludida nos Bestiários mas está totalmente ausente dos tratados cinegéticos consultados.

Esta segmentação temática torna-se interessante porque a grande maioria dos textos aduzidos seria de conhecimento geral e alargado. A informação enciclopédica, semelhante à fornecida pelos Bestiários, era certamente do conhecimento dos autores de livros cinegéticos. No entanto, não vemos contaminações, o que já não acontece em alguns testemunhos não ibéricos, onde se verifica uma maior interferência do imaginário associado aos Bestiários⁴³. A

⁴² Sobre este assunto ver John Cummins, *The Hound and the Hawk. The Art of Medieval Hunting*, London, Phoenix Press, 2001, que dedica um capítulo à caça do urso (cap. 8 - pp. 120-131). Para a redacção deste capítulo, o autor baseou-se sobretudo nas obras de Afonso XI e de João I, bem como no tratado de Gaston Phébus, conde de Foix, no sul da França, perto dos Pirinéus, o que, curiosamente, o situa, geograficamente, próximo da Península. Cummins sublinha a escassez de informações sobre a caça aos ursos nos tratados venatórios de França, Inglaterra, Países Baixos e até Alemanha (sendo Gaston Phoebus considerado como a excepção).

⁴³ Veja-se a obra de Gaston Phoebus que inclui muitas informações que derivam dos Bes-

ausência de interferências que verificamos, poderá dever-se a uma consciência clara de género literário e do que faz sentido apresentar em cada forma textual, o que é de destacar.

Traço preponderante da produção ibérica parece também ser o seu aspecto pragmático e realista. Nos tratados cinegéticos temos a percepção prática do animal enquanto objecto de caça. Este pragmatismo talvez seja de aproximar de alguma influência da literatura árabe sobre os animais, na linha do que se verifica no *Libro de Moamin*. Além dos tratados cinegéticos, que são inequivocamente práticos, os restantes testemunhos vistos também remetem para associações simples de carácter evidente e pragmático. Tal é o caso do clima de medo que em alguns contos é dado pela presença de um urso. O mesmo se pode dizer das situações em que alguém encontra e vence um urso em combate (ou que por ele é vencido). Independentemente da leitura em termos de ‘prova iniciática de bravura’ (que é absolutamente possível), o encontro com um urso, quer tenha um fundamento real, quer tenha sido inventado à posteriori, representa uma situação de perigo notável, sendo lógica a associação entre vencer um urso e ser-se destemido / apto para ser um guerreiro valoroso (na justa medida).

Finalmente, no que se refere à questão de eventuais resquícios de fundos míticos, será de salientar que as passagens estudadas que apontam para este tipo de leitura se encontram em textos historiográficos. Tal presença deverá ser relacionada com o facto de esta forma textual ter recolhido tradições preexistentes e que certamente acarretavam memórias de um imaginário mais longínquo do que se poderia, eventualmente, esperar.

tiários. Para uma edição do texto de Gaston Phoebus ver Gabriel Bise (ed.), *Le livre de la chasse de Gaston Phoebus, comte de Foix*, Fribourg – Genève, Liber – Minerva, 1984; para um fac-símile ver *The Hunting Book of Gaston Phébus – Manuscrit français 616*. Paris, Bibliothèque Nationale (Introduction by Marcel Thomas and François Avril, commentary by Wilhelm Schlag), London, Harvey Miller Publishers, 1998 (notar aqui as três iluminuras que retratam o urso: nos seus comportamentos, a sua caçada e uma situação de armadilha, o que corresponde aos três grandes temas abordados por este autor relativamente a este animal).

